

## **LINGÜÍSTICA TEXTUAL: RETROSPECTO E PERSPECTIVAS**

Ingedore Grunfeld Villaça KOCH<sup>1</sup>

- RESUMO: O objetivo do presente trabalho é apresentar uma retrospectiva crítica do que se fez no campo da Lingüística Textual nos últimos trinta anos, bem como apontar as perspectivas que se vêm abrindo na área para desenvolvimentos futuros.
- PALAVRAS-CHAVE: Lingüística Textual; texto; principais modelos.

### **Introdução**

Embora freqüentemente se diga que a Lingüística Textual ou Teoria do Texto é um ramo recente da Lingüística, esta afirmação vai perdendo a sua validade: a Lingüística do Texto, hoje, atingiu a maturidade, visto que se encontra, atualmente, na faixa dos 30.

A origem do termo, aliás, remonta a Cosériu (1955), embora ele só tenha sido empregado pela primeira vez, com o sentido que possui hoje em dia, por Weinrich (1966, 1967).

Desde então, a Lingüística Textual vem tendo um grande desenvolvimento, tendo passado por momentos diferentes e se inspirado em diferentes modelos teóricos, o que não deixa de ser bastante natural numa ciência em formação. Pode-se dizer, porém, que a selva terminológica e a diversidade de abordagens vêm se rarefazendo e que, agora, já existem mais convergências que divergências. É claro que o que se deseja não é um corpo teórico monolítico e ortodoxo, mas é previsível que, dentro de mais alguns anos, muitos dos conceitos da L.T. já se encontrem estabelecidos de forma mais ou menos consensual.

---

<sup>1</sup> Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp – 13063-070 – Campinas – SP.

## Principais momentos na evolução da L. T.

Ha mais de vinte anos, Conte (1977) distinguia três momentos fundamentais na passagem da teoria da frase à teoria do texto – o da análise transfrástica, o das gramáticas textuais e o da teoria ou linguística do texto. Frisava a autora não se tratar de uma distinção de ordem cronológica, mas, na verdade, de ordem tipológica. Embora aceite, em linhas gerais, a postulação dos três momentos, sou de opinião, contudo, que ha, sim, uma cronologia envolvida nesta sucessão.

O que se percebeu, em um primeiro momento, foi justamente a necessidade de ultrapassar os limites da frase, para dar conta de certos fenômenos como referenciação, seleção do artigo, concordância de tempos verbais, relação semântica entre frases não ligadas por conectivo, varios fatos de ordem prosódica, e assim por diante.

Tentou-se, então, encontrar regras para o encadeamento de sentenças, a partir dos métodos até então utilizados na análise sentencial, procurando amplia-los para dar conta de pares ou sequências maiores de frases. Passou-se, assim, a observar, no nível interfrasal – ou transfrástico – uma série de fatos já estudados no nível sentencial – questões relativas, como vimos, à correferência, à conexão entre orações, à relação tópico/comentário, entre outros. O texto, nesse momento, é definido como “sequência pronominal ininterrupta” (Harweg, 1968) ou “sequência coerente de enunciados” (Isenberg, 1970, Bellert, 1970). Tanto estudiosos da linha estruturalista, como da linha gerativista dedicaram-se a pesquisar tais questões.

As tentativas de desenvolver uma linguística textual como uma linguística da frase ampliada ou corrigida mostraram-se, todavia, insatisfatórias, e acabaram sendo abandonadas.

Cogita-se, então, elaborar as *gramáticas textuais*, com o objetivo de refletir sobre fenômenos não explicáveis por meio da gramática sentencial. Afirma-se uma descontinuidade entre frase e texto, por haver, entre eles, uma diferença não de ordem quantitativa, mas qualitativa.

Nesta tarefa, destacam-se, ao lado dos estruturalistas como Weinrich, os seguidores da Gramática Gerativa ou, pelo menos, estudiosos que se formaram no interior desse paradigma. É o caso, por exemplo, de Van Dijk, em seus trabalhos do início da década de 1970, de Lang (1971, 1972) e de Petófi (1972, 1974).

Abandona-se, pois, o método ascendente – da frase para o texto. É a partir da unidade mais altamente hierarquizada – o texto – que se pretende chegar, por meio da segmentação, às unidades menores, para, então, classifica-las. Contudo, tem-se claro que a segmentação e

a classificação só poderão ser realizadas, desde que não se perca a função textual dos elementos individuais, tendo em vista que o texto não pode ser definido simplesmente como uma sequência de cadeias significativas. O texto é considerado como o signo linguístico primário, atribuindo-se aos seus componentes o estatuto de signos parciais (Hartmann, 1968).

Por considerar-se o texto muito mais que uma simples soma de frases, postula-se que a compreensão e a produção de textos depende de uma capacidade específica dos falantes – a competência textual – que lhes permite, por exemplo, distinguir um texto coerente de um aglomerado aleatório de palavras e/ou sentenças, bem como parafrasear um texto, perceber se está completo ou não, resumir-lo, atribuir-lhe um título ou produzir um texto a partir de um título dado

Dentro desta perspectiva, o texto, visto como a unidade linguística hierarquicamente mais elevada, constitui, portanto, uma entidade do sistema linguístico, cujas estruturas possíveis em cada língua devem ser determinadas pelas regras de uma gramática textual. Um exemplo destas gramáticas é a postulada por Petófi (1974) Trata-se, segundo o autor, de “uma gramática textual com uma base fixada de modo não-linear” (*textgrammatik mit nicht-linear festgelegter Textbasis*), ou seja, em que a base textual consta de uma representação semântica indeterminada com respeito às manifestações lineares das sequências textuais, sendo estas manifestações lineares determinadas pelo componente transformacional do modelo. O autor postula ser este modelo de gramática – em que o léxico, com suas representações semânticas intencionais, desempenha papel de destaque – apto a tornar possível: a) a análise de textos, isto é, a atribuição, a uma manifestação linear, de todas as bases textuais possíveis, b) a síntese de textos, ou seja, a geração de todas as possíveis bases textuais, c) a comparação de textos, visando, inclusive, ao estabelecimento de tipologias textuais.

Com o passar dos anos – e com o declínio da influência da GGT – foi-se fazendo notar a inviabilidade de se elaborarem “gramáticas” do texto, no estilo das gramáticas da frase. O projeto revelou-se demasiado ambicioso e – acima de tudo – pouco produtivo: como estabelecer as regras capazes de descrever *todos e apenas todos os textos possíveis* em uma língua natural L? Não haveria sempre a possibilidade de surgirem textos que não se enquadrassem nelas ou que viessem a colocá-las em xeque, ou, ainda, novos tipos de textos não previstos pelas regras da gramática? Estas são apenas algumas das perguntas que acabaram por levar ao abandono da tarefa

Chega-se, assim, à fase da Teoria do Texto ou da Lingüística Textual propriamente dita, que se propõe como tarefa investigar a constituição, o funcionamento, a produção e a compreensão dos textos. Os textos passam a ser estudados dentro de seu contexto pragmático, isto é, o âmbito de investigação se estende do texto ao contexto, entendido, de modo geral, como o conjunto de condições – externas ao texto – da produção, recepção e interpretação dos textos.

## **Principais desenvolvimentos no interior da Lingüística Textual**

Dentre os autores que mais influenciaram o desenvolvimento da Lingüística Textual, podemos citar, obedecendo, em linhas gerais, a uma ordem cronológica:

### **Roland Harweg**

Para Harweg, um dos pioneiros da Lingüística Textual na Alemanha, o texto é “uma sucessão de unidades lingüísticas constituída por uma cadeia de pronominalizações ininterruptas”.

No interior dessa concepção, portanto, o texto se caracteriza basicamente pelo fenômeno do *múltiplo referenciamento*, isto é, para que uma seqüência de frases venha a constituir um texto, é necessário que os mesmos referentes sejam retomados em cada uma delas por meio de formas “pronominais” em sentido amplo, ou seja, por meio das diversas formas de substituição, como os vários tipos de pronomes, as expressões nominais definidas etc.

Como se demonstrou posteriormente, contudo, o múltiplo referenciamento não é suficiente para dar a um conjunto de sentenças o estatuto de texto.

### **Harald Weinrich**

Os trabalhos deste autor objetivam a construção de uma *macrosintaxe do discurso*, com base no tratamento textual de categorias gramaticais como, por exemplo, os artigos e os tempos verbais. Postula como método heurístico o da “partitura textual”, que consiste em unir

a análise por tipo de palavras e a estrutura sintática do texto num só modelo, como se se tratasse de “uma partitura musical a duas vozes”. Como estruturalista, define o texto como uma seqüência linear de lexe-mas e morfemas que se condicionam reciprocamente e que, também reciprocamente, constituem o contexto. Isto é, o texto é uma “estrutura determinativa”, um “andaime de determinações”, em que tudo está necessariamente interligado. Assim sendo, para ele, toda lingüística é necessariamente lingüística de texto.

Em 1993, veio à luz sua *Textgrammatik der Deutschen Sprache* [*Gramática textual da língua alemã*], em que o autor põe em prática a idéia acalentada há tantos anos de elaborar uma gramática textual.

### **Wunderlich**

Wunderlich pertence também à primeira geração de lingüistas alemães preocupados com estudos textuais. Foi um dos principais responsáveis pela incorporação da pragmática nas pesquisas sobre o texto, tendo tratado, em suas obras, de questões relativas à dêixis, aos atos de fala e à interação face a face de modo geral (cf. Wunderlich, 1968, 1976, 1985).

É um dos autores mais referendados na área, particularmente na década de 1970.

### **Siegfried J. Schmidt**

Para Schmidt (1973, entre outros), o texto é qualquer expressão de um conjunto lingüístico em um ato mais global de comunicação – isto é, em um “jogo de atuação comunicativa” – tematicamente orientado e preenchendo uma função ilocucionária reconhecível. Para ele, a textualidade é o modo de toda e qualquer comunicação transmitida por sinais, inclusive os lingüísticos. Esta posição o leva a preferir a denominação Teoria do Texto. O autor dedica-se a um estudo predominantemente sociológico – embora também lingüístico, em sentido amplo – do objeto “texto”.

### **Elisabeth Gülich**

Também a partir da década de 1970, destacam-se, na Alemanha, os trabalhos de E. Gülich, ora individuais (Gülich, 1970, 1981), ora em

co-autora com outros autores, como é o caso de Gülich & Raible (1977), Gulich & Kotschi (1987) e Gülich & Quastoff (1986). Entre seus objetos de pesquisa, destacam-se os sinais de articulação do texto (*Gliederungssignale*), os procedimentos de reformulação textual, a narrativa oral (em conjunto com U. Quastoff), bem como a interação face a face de forma geral.

Importante é aqui ressaltar que, desde os anos 70, na Alemanha e em diversos países da Europa, a Linguística Textual, contrariamente ao que muitas vezes se pensa, tem por objeto de investigação tanto textos escritos, como textos falados, o que acarretou, inclusive, o grande desenvolvimento dos estudos sobre as interações orais nesses países

Tais estudos, porém, se diferenciam, em parte, daqueles dos etnometodólogos, antropólogos e sociólogos empenhados na Análise da Conversação, que têm seus interesses centrados nos aspectos socio-interacionais propriamente ditos da interação face a face, visto que os linguistas de texto, a partir das pesquisas por aqueles efetuadas, vão dar ênfase aos aspectos textuais e discursivos dessa interação. Assim, tomam por objeto de estudo fatos como a estrutura (tópica e argumentativa) da conversação, as atividades de construção do texto falado (antes vistas como *descontinuidades da fala*, os encadeadores de discurso e/ou marcadores conversacionais, a coerência na conversação, entre outros temas de relevância.

## **Beaugrande & Dressler**

Na obra *Einführung in die Textlinguistik*, Beaugrande & Dressler (1981) procedem ao levantamento do que denominam critérios ou padrões de textualidade, que, segundo eles, seriam: coesão e coerência (centrados no texto); informatividade, situacionalidade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade (centrados no usuário). A obra é dedicada ao exame de cada um desses critérios, bem como ao estudo do processamento cognitivo do texto, tomando por base os pressupostos da semântica procedural. A maioria dos trabalhos posteriores na disciplina incorpora essas questões, inclusive alargando o rol dos fatores de textualidade e dedicando especial atenção à questão da coerência.

Ambos os autores já haviam produzido obras importantes na área, Dressler já na década anterior (1972, 1977), Beaugrande, no ano anterior (cf. 1980).

### **Teun A. van Dijk**

Os estudos de Teun A. van Dijk, que pode ser considerado também um dos fundadores da disciplina, têm uma trajetória interessante, que acompanha em parte a própria trajetória da Linguística Textual.

Apegado ao aparato teórico da GGT, Van Dijk (1972) procura, a princípio, elaborar uma gramática textual, projeto que abandona já na segunda metade da década de 1970, quando se volta mais para o estudo do que denomina *macroestruturas* textuais – e, por decorrência, à questão da produção de resumos; e *superestruturas* ou *esquemas textuais* – e, em consequência, à descrição de diversos tipos de texto, como, por exemplo, a narrativa, a notícia de jornal e o relato científico (cf. Van Dijk, 1977, 1978, 1979, 1980, 1981, entre outros). Já nessa época, bem como no início da década de 1980, passa a dedicar-se, parcialmente em co-autoria com Walter Kintsch (Van Dijk & Kintsch, 1983), ao estudo das estratégias de processamento textual, buscando construir um modelo de compreensão do discurso.

Visto ser a notícia de jornal um dos tipos a que dedica especial atenção (Van Dijk, 1985, 1986), seu foco de interesse volta-se, a seguir, para o modo como o preconceito racial e outros tipos de atitudes discriminatórias são veiculados pelos meios de comunicação social, podendo ser detectadas por meio da forma como o texto é construído (Van Dijk, 1987, 1988, 1989, 1993). Insere-se, desta maneira, na linha que se vem autodenominando *Análise Crítica do Discurso*, procurando explicar o papel da cognição social e das ideologias na sociedade, bem como, por meio do discurso, se opera a sua reprodução e a legitimação do poder.

Não se pode falar de Linguística Textual sem mencionar alguns autores funcionalistas, cujos trabalhos, embora não sejam comumente considerados como fazendo parte dos quadros dessa disciplina, tiveram enorme importância no seu desenvolvimento. É o caso de Halliday & Hasan (1976), cuja obra *Cohesion in English* define e explicita o conceito de coesão, básico para os estudos textuais; e dos funcionalistas de Praga (Danes, Firbas, Mathesius, Sgall, entre outros), que descreve-

ram a organização hierárquica da informação em frases e seqüências textuais, a partir da perspectiva funcional, desenvolvendo as noções de tema/rema, dinamismo comunicativo e progressão temática, que não só se mostraram bastante produtivas para o estudo do texto, como podem ser consideradas como um de seus pontos de partida.

## **A Lingüística Textual a partir dos anos 80**

Uma das tônicas da década de 1980 foram os estudos sobre coesão e coerência textuais, em que se ampliou de forma significativa o conceito de coerência anteriormente aceito, passando-se a postular que não se trata de mera propriedade ou qualidade do texto em si, mas de um fenômeno muito mais amplo: a coerência se constrói, em dada situação de interação, entre o texto e seus usuários, em função da atuação de uma complexa rede de fatores, de ordem lingüística, sociocognitiva e interacional. Vieram a público diversas coletâneas sobre o assunto (Charolles, Petöfi & Sözer, 1983; Neubauer, 1983; Petöfi, 1986; Sözer, 1985; Conte, Petöfi & Sözer, 1989, entre várias outras), além de artigos e obras individuais. Também no Brasil, as pesquisas sobre coesão e coerência textuais tiveram grande desenvolvimento, frutificando em uma série de obras sobre o assunto. Podem-se mencionar, entre muitos outros, os trabalhos de Marcuschi (1983), Koch (1987, 1989, 1992); Koch & Travaglia (1989, 1990); Fávero (1991) e Bastos (1985).

Há, ainda, tendências mais recentes que vêm tendo reflexos importantes nos estudos textuais. Com o desenvolvimento cada vez maior das investigações na área de cognição, as questões relativas ao processamento do texto, em termos de produção e compreensão, à representação do conhecimento na memória, aos sistemas de conhecimento postos em ação por ocasião do processamento, às estratégias sociocognitivas e interacionais nele envolvidas, entre muitas outras, vêm ocupando o centro dos interesses de diversos estudiosos do campo. A título de exemplo, podem-se citar as obras de Heinemann & Viehweger (1991), de Adam (1990 e 1993), de Nussbaumer (1991) e, em nosso país, uma série de trabalhos desenvolvidos por Marcuschi e por Koch, para citar apenas alguns.

Interessante é destacar que, nestes últimos anos, a questão da tipologia textual, que, após ter sido, no momento da elaboração das gramáticas textuais, objeto de grande preocupação, parecia ter caído



no esquecimento, volta a ocupar, agora sob outras luzes – isto é, sob o enfoque dos gêneros textuais – lugar de destaque nas pesquisas sobre o texto, revelando-se um terreno bastante promissor.

## **Conclusão**

O que se pode verificar, a partir da retrospectiva aqui apresentada, é que, desde seu aparecimento até hoje, a Linguística Textual percorreu um longo caminho, ampliando a cada passo seu espectro de preocupações. De uma simples análise transfrástica, logo acompanhada das tentativas de elaboração de gramáticas textuais, passou a ter como centro de preocupação não apenas o texto em si, mas também todo o contexto – no sentido mais amplo do termo (situacional, sociocognitivo e cultural) – e a interferência deste na constituição, no funcionamento e, de modo especial, no processamento estratégico-interacional dos textos, vistos como a forma básica de interação por meio da linguagem.

Dentro desta perspectiva, pode-se conceituar o texto como uma manifestação verbal constituída de elementos lingüísticos selecionados e ordenados pelos falantes, durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais (Koch, 1992).

Desta forma, a Teoria ou Linguística do Texto vai intensificando o diálogo que já há muito vinha travando com as demais Ciências do Homem, por exemplo, com a Filosofia da Linguagem, a Psicologia Cognitiva e Social, a Sociologia Interpretativa, a Etnometodologia, a Etnografia da Fala e, mais recentemente, com a Ciência da Cognição e a Neurologia, tornando-se, cada vez mais, um domínio multi e interdisciplinar, em que se busca explicar como se dá a interação social por meio desse objeto multifacetado que é o texto – fruto de um processo extremamente complexo de produção de linguagem, que traz em seu bojo as marcas desse processo e, portanto, as pistas ou chaves para a sua decifração, no jogo de produção de sentidos.

KOCH, I G V Textual Linguistics: retrospective and prospects. *Alfa (São Paulo)*, v.41, p.67-78, 1977.

- **ABSTRACT:** *The aim of this study is to make a critical retrospective of the accomplishments in textual linguistics during the last 30 years, as well as to indicate new perspectives for future developments in that field.*
- **KEYWORDS:** *Textual Linguistics; text; main models.*

## Referências bibliográficas

- ADAM, J. M. *Éléments de linguistique textuelle*. Liège: Mardaga, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Les textes: types et prototypes*. Lausanne: Nathan, 1993.
- BASTOS, L. K. X. *Coesão e coerência em narrativas escolares escritas*. Campinas: Editora da Unicamp, 1985.
- BEAUGRANDE, R. *Text, Discourse, and Process*. London: Longman, 1980.
- BEAUGRANDE, R., DRESSLER, W. U. *Einführung in die Textlinguistik*. Tübingen: Niemeyer, 1981.
- BELLERT, I. On a condition of the coherence of texts. *Semiotica*, v.2, p.335-63, 1970.
- CONTE, M. E. *La linguistica testuale*. Milano: Feltrinelli Economica, 1977.
- CONTE, M. E., PETÖFI, J., SÖZER, E. (Ed.) *Text and Discourse Connectedness*. Hamburgo: A. Survey, 1989.
- CHAROLLES, M., PETÖFI, J., SÖZER, E. (Ed.) *Research in Text Connexity and Text Coherence*. Hamburgo: A. Survey, 1983.
- COSÉRIU, E. Determinación y entorno. de los problemas de la lingüística del hablar. *Romanistisches Jahrbuch*, v.7, p.29-54, 1955.
- DRESSLER, W. U. *Einführung in die Textlinguistik*. Tübingen: Niemeyer, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Textlinguistik*. Darmstad: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1977.
- FÁVERO, L. L. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 1991.
- GÜLICH, E. *Makrosyntax: Die Gliederungssignale im gesprochenen Französisch*. Münch, W. Fink, 1970.
- \_\_\_\_\_. Dialogkonstitution in institutionell geregelter Kommunikation. In: SCHRÖDER, P., STEGER, H. (Ed.) *Dialogforschung: Jahrbuch 1980 des Instituts für deutsche Sprache*. Düsseldorf, 1981. p.418-56.
- GÜLICH, E., RAIBLE, W. *Linguistische Textmodelle*. Münch: W. Fink, 1977.

- GULICH, E., QUASTOFF, U. Story-telling in conversation. Cognitive and interactive aspects. *Poetics*, v 15, p 217-41, 1986
- GULICH, E., KOTSCHI, T. Reformulierungshandlungen als Mittel der Textkonstitution. In MOTSCH, W (Ed) *Satz, Text, sprachliche Handlung*. Berlin: de Gruyter, 1987. p 199-261 (Studia Grammatica, 25)
- HALLIDAY, M. A. K., HASAN, H. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976
- HARTMANN, P. Zum Begriff des sprachlichen Zeichens. *Zeitschrift für Phonetik, Sprachwissenschaft und Kommunikationsforschung*, v 21, p 205-22, 1968
- HARWEG, R. *Pronomina und Textkonstitution*. Munch: W. Fink, 1968
- HEINEMANN, W., VIEHWEGER, D. *Textlinguistik*. Eine Einführung. Tübingen: Niemeyer, 1991
- ISENBERG, H. Der Begriff "Text" in der Sprachtheorie. *Deutsche Akademie zur Wissenschaften zu Berlin, Arbeitsgruppe Strukturelle Grammatik, Bericht*, n 8, 1970
- KOCH, I. G. V. Dificuldades na leitura/produção de textos: os conectores interfrásicos. In KIRST, M., CLEMENTE, E. *Linguística aplicada ao ensino do português*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. p 83-98
- \_\_\_\_\_ *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989
- \_\_\_\_\_ *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992
- KOCH, I. G. V., TRAVAGLIA, L. C. *Texto e contexto*. São Paulo: Cortez, 1989
- \_\_\_\_\_ *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990
- LANG, E. Über einige Schwierigkeiten beim postulieren einer "Textgrammatik". In CONTE, E. *La linguistica testuale*. Milano: Feltrinelli Economica, 1971. p 86-120
- \_\_\_\_\_ *Quand une "Grammaire de Texte" est-elle plus adéquate qu'une Grammaire de Phrase?* *Langages*, v 7, p 75-80, 1972
- MARCUSCHI, L. A. *A linguística do texto: o que é e como se faz*. Recife: UFPE, 1983
- NEUBAUER, F. (Ed.) *Coherence in Natural Language Texts*. Hamburgo: Buske, 1983
- NUSSBAUMER, M. *Was Texte Sind und Wie Sie Sein Sollen*. Tübingen: Niemeyer, 1991
- PETOVI, J. Zu einer Grammatischen Theorie Sprachlicher Texte. *LiLi*, v 5, n 2, p 31-58, 1972
- \_\_\_\_\_ (Ed.) *Towards and Empirically Motivated Grammatical Theory of Verbal Texts*. In PETOVI, J., RIESER, H. (Ed.) *Probleme der modelltheoretischen Interpretation von Texten*. Hamburgo: Buske, 1986

- SCHMIDT, S J *Texttheorie* Probleme einer Linguistik der Sprachlichen Kommunikation Munch W Fink, 1973
- SOZER, E (Ed) *Text Connexity, Text Coherence* Aspects, Methods, Results Hamburgo Buske, 1985
- VAN DIJK, T A *Some Aspects of Textgrammars* The Hague Mouton, 1972
- \_\_\_\_\_ *Text and Context* London Longman, 1977
- \_\_\_\_\_ *Tekstwetenschap* Een Interdisciplinaire Inleidig Utrecht Het Spectrum, 1978
- \_\_\_\_\_ Recalling and summarizing complex discourse In BURGHARDT, W, HOLKER, K (Ed) *Text Processing* Berlin de Gruyter, 1979 p 49-118
- \_\_\_\_\_ *Macrostructures* Hillsdale Lawrence Erlbaum, 1980
- \_\_\_\_\_ *Studies in the Pragmatics of Discourse* Paris Mouton, 1981
- \_\_\_\_\_ Structures of news in the press In *Discourse and Communication* Berlin de Gruyter, 1985 p 69-93
- \_\_\_\_\_ News schemata In COOPER, C, GREENBAUM, S (Ed) *Studying Writing* Linguistic Approaches Beverly Hills Sage, 1986 p 155-86
- \_\_\_\_\_ *News analysis* Case Studies in International and National News Hillsdale Lawrence Erlbaum, 1987
- \_\_\_\_\_ *News as Discourse* Hillsdale Lawrence Erlbaum, 1988
- \_\_\_\_\_ *Communicating Racism* London Sage, 1989
- \_\_\_\_\_ *Elite Discourse and Racism* London Sage, 1993
- \_\_\_\_\_ KINTSCH, W *Strategies of Discourse Comprehension* New York Academic Press, 1983
- WEINRICH, H *Linguistik der Luge* Heidelberg Lambert Schneider, 1966
- \_\_\_\_\_ Syntax als Dialektik *Poetica*, v 1, p 109-26, 1967
- \_\_\_\_\_ *Textgrammatik der Deutschen Sprache* Mannheim Dudenverlag, 1993
- WUNDERLICH, D Pragmatik, Sprechsituation, Deixis *Linguistik*, v 9, 1968
- \_\_\_\_\_ *Studien zur Sprechakttheorie* Frankfurt Suhrkamp, 1976
- \_\_\_\_\_ Raum, Zeit und das Lexikon In *Sprache und Raum* Frankfurt Suhrkamp, 1985 p 66 89